

A PRÁTICA DA ORALIDADE EM SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO

Caliana da Silva Sousa Medeiros (UFRN)¹

calianamedeiros@hotmail.com

Josilete Alves Moreira de Azevedo (UFRN)²

josileteazevedo@yahoo.com.br.

RESUMO: É sabido que as inter-relações ocorrem por meio da linguagem em diferentes contextos situacionais, que a fala é a mais autêntica forma de interação social e nela existem fatores que integram o desenvolvimento das ações comunicativas. Nesse sentido, esta pesquisa tem por objetivo discutir e analisar como se concretizam, atualmente, os gêneros orais e as relações existentes entre a fala e a escrita, no ensino médio, em escolas públicas de municípios do Rio Grande do Norte. Pautada na perspectiva teórico-metodológica da Análise da Conversação, traçamos como objeto de estudo, a investigação de como a oralidade tem sido incorporada ao ensino da língua materna, tendo em vista que o processo de ensino e aprendizagem relaciona-se com as orientações oficiais dos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino médio. Do ponto de vista mais específico, estabelecemos: 1) identificar o espaço reservado dos gêneros orais em sala de aula; 2) analisar os planos de aula dos professores de Língua Portuguesa e compará-los com as respostas dadas em áudio, sobre as atividades com gêneros orais no contexto escolar; 3) investigar as estratégias docentes para trabalhar o texto oral. Para tanto, realizamos entrevistas através de gravações em áudio e coleta dos planejamentos de ensino dos professores de Língua Portuguesa. No que se refere ao aspecto teórico, utilizamos, principalmente, os aportes de Elias (2011), Azevedo (1997), Fávero, Andrade, Aquino (2005), Antunes (2003, 2007, 2009, 2010) em conformidade com o método da Análise da Conversação, pautado nos estudos de Sacks, Schegloff e Jefferson (1972), de Marcuschi (1986, 1993, 2001, 2002, 2005, 2008), dentre outros. Acreditamos que a pesquisa mostra-se relevante, na medida em que, contribui para a consolidação do ensino da oralidade em sala de aula. Em adição, colabora para que os professores de escolas públicas compreendam a necessidade de refletir sobre o texto oral como objeto de ensino de Língua Portuguesa, como também buscar subsídios teórico-metodológicos que fundamentem suas práticas pedagógicas em relação à oralidade e as relações fala/escrita.

Palavras-chave: Oralidade. Língua Portuguesa. Gêneros orais.

¹ Graduanda do Curso de Letras, Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas Literaturas. Bolsista de Iniciação Científica. (UFRN/ DLC/ PROPESQ).

² Prof.^a Dr.^a do Departamento de Letras do Ceres da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Coordenadora e pesquisadora na área da Análise da Conversação com o texto oral e ensino.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, desenvolvemos um estudo sobre a importância do texto oral em sala de aula do ensino médio. A principal finalidade é investigar, analisar e discutir a concretude dos gêneros orais e as semelhanças existentes entre a fala e a escrita, no ensino de língua materna, em escolas públicas de municípios do Rio Grande do Norte.

Essa proposta constitui-se a partir dos pressupostos teóricos de Sacks, Schegloff e Jefferson (1972) que deram a ênfase inicial aos estudos da *Análise da Conversação*. Em conformidade com esse método, destaca-se Marcuschi (1991) que tem abordado e intensificado a importância dessa prática social inserida ao contexto real do falante.

Sob essa perspectiva as OCNEM (2000), ancora a linguagem verbal (fala) como intercessora entre as relações humanas, sendo assim, a fala apresenta-se de forma organizada para que os participantes interajam e expressem-se diante dos variados contextos e das práticas de linguagem significativas existentes na sociedade.

Com base nisso, o ensino inspira-se no sociointeracionismo, cujas abordagens teóricas conduzem o ensino da língua(gem) para o seu funcionamento, bem como para o uso contextualizado sócio-historicamente, conforme Lopes- Rossi (2002).

A partir desse enfoque, objetivamos investigar como o texto oral tem sido abordado em salas de aula de redes públicas do estado do Rio Grande do Norte. Considerando que a metodologia de ensino e aprendizagem pauta-se nas orientações oficiais contidas nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, estabelecemos como metas específicas: 1) identificar o espaço reservado dos gêneros orais em sala de aula; 2); analisar os planos de aula dos professores de Língua Portuguesa e compará-los com as respostas dadas em áudio, sobre as atividades com gêneros orais no contexto escolar; 3) investigar as estratégias docentes para trabalhar o texto oral.

Com o desígnio de conseguirmos alcançar os objetivos específicos, elaboramos um instrumental de coleta de dados a partir de um roteiro de entrevista semiestruturada, com base nos objetivos e conteúdos, dos planos de aula dos docentes de Língua Portuguesa, cujo propósito é abordar, compreender, analisar e discutir como o texto oral tem sido incorporado ao ensino de língua materna. A intenção é de oportunizar ao professor, nessa interação face a face, o esclarecimento de como é possível correlacionar a oralidade em consonância com a escrita, tendo em vista que no ensino

de Língua Materna, a ênfase está voltada para uma proposta de ensino que procura desenvolver o hábito sistematizado da escritura de textos, apostando-se assim na valorização das atividades de escrita.

Desse modo, para que os objetivos deste estudo fossem alcançados, o destaque precisa estar no trabalho com os gêneros orais. Por meio dessa pesquisa, espera-se que os professores reflitam e aprimorem a sua metodologia em sala, direcionando os alunos a compreenderem e expressassem-se, em contextos de comunicação oral e escrita.

A fim de alcançarmos os objetivos, estruturamos o nosso estudo a partir dessas questões:

- ✓ Quais os gêneros orais que prioriza?
- ✓ Quais as estratégias que emprega para trabalhar o texto oral?
- ✓ Quais elementos da organização do texto oral são utilizados para possibilitar a coesão e a coerência do texto falado?
- ✓ Como é trabalhada a relação fala/ escrita? Modalidades opostas ou no *continuum*?
- ✓ Que tipo de atividade desenvolve para favorecer a compreensão dos alunos com relação às especificidades do texto oral em relação à escrita?

O desenvolvimento da coleta de dados foi realizado em escolas estaduais das cidades de Caicó e Currais Novos no estado do Rio Grande do Norte. Quanto à organização dos dados, construímos a codificação dos instrumentais e dos informantes, cujo propósito era destacar na produção textual, alguns fragmentos das falas dos informantes para compor as análises, conforme apontamos no quadro abaixo:

Quadro1- Codificação dos instrumentais e dos informantes

Codificação dos informantes	Descrição
TEP 01, TEP 02, TEP 03, TEP 04, TEP 05, TEP 06, TEP 07, TEP 08	Transcrição da entrevista com o professor 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 referente aos planos de aula.
EP 01, EP 02, EP 03, EP 04, EP 05, EP 06, EP 07, EP 08	Entrevista com professor 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
PI 01, PI 02, PI 03, PI 04, PI 05, PI 06, PI 07, PI 08	Professor informante 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8,

PC 01, PC 02, PC 03, PC 04, PC 05 PC 06, PC 07, PC 08	Professor colaborador 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8,
Fragmentos	Trechos das falas dos professores informantes
Negrito	Destaque nas falas dos professores informantes contidas nas entrevistas

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Contribuições teóricas sobre estudo da Oralidade

Em meados de 1960 surgiram questões que preocupavam os estudiosos da área da Linguística de Texto, principalmente, ao que compete a organização e a estrutura da atividade conversacional. Por meio dessa linha teórica e da preocupação em descrever os aspectos organizacionais surge a *Análise da Conversação* (AC). Esse estudo é baseado nas pesquisas de Sacks, Schegloff e Jefferson (1972) que foram os pioneiros em dá ênfase a um conjunto de atividades que consubstanciam a conversação.

A partir dessas contribuições realizadas pelos precursores, nascem avanços consideráveis no Brasil, no final dos anos 90. Esse momento foi de suma importância para o desenvolvimento dos estudos voltados à Linguística Textual e a *Análise da Conversação*. Nesse contexto, surgem alguns estudiosos e pesquisadores interessados em correlacionar a língua falada e escrita ao ensino da Língua Materna.

Dentre esses pesquisadores, destaca-se Marcuschi (1991, p. 5) no qual apresenta três motivos importantes para o estudo da conversação:

Em primeiro lugar, é a prática social mais comum no dia-a-dia do ser humano; em segundo, desenvolve o espaço privilegiado para a construção de identidades sociais no contexto real, sendo uma das formas mais eficientes de controle social imediato; por fim, exige uma enorme coordenação de ações que exorbitam em muito a simples habilidade linguística dos falantes.

Nessa compreensão é evidente que oralidade é mais praticada, entre os seres humanos, pois se trata de uma linguagem espontânea e natural no qual evidencia as práticas sociais e o contexto imediato de cada falante, além do conjunto de atividades que fazem parte da interação conversacional.

Nessa perspectiva Preti (2004, p. 14) traz sua contribuição ao dizer que:

A língua falada está sendo estudada por parâmetros diversos dos utilizados para análise da escrita. Não procuramos vê-la como uma ‘língua escrita cheia de erros’, mas sim como uma modalidade de língua que tem seus próprios mecanismos de funcionamento. Por isso, estuda-se como as pessoas interagem na conversação [...] como corrigem e se autocorrigem; como recorrem às sobreposições de vozes, para apoiar o interlocutor ou contradizê-lo no momento em que fala, etc.

Desse modo, entendemos que as peculiaridades apresentadas permite-nos compreender que a língua falada tem a sua estrutura “e se produz não só interacionalmente, mas também de forma organizada” (FÁVERO, 2012, p. 23).

Sob esse enfoque os OCNEM (2000, p. 6) explicita que “o ato da fala pressupõe uma competência social de utilizar a língua de acordo com as expectativas em jogo. No ato interlocutivo, o contexto verbal relaciona-se com o extra-verbal e vice-versa.” Assim sendo, constatamos que a fala adéqua-se ao contexto imediato e que na interação conversacional há uma troca de significados múltiplos que particularizam e permeiam o cotidiano no qual os falantes são inseridos.

1.2 Ensino e oralidade: práticas possíveis

Abordar os princípios que regem os PCN da Língua Portuguesa, é compreender que esses parâmetros abarcam, em seus conteúdos, dois eixos básicos: o caráter do texto oral e escrito, que por sua vez, abrangem a “reflexão sobre a língua e a linguagem.” (ELIAS, 2011, p. 31). Dessa forma, percebemos que o texto (oral ou escrito), constitui-se como o elemento de referência a ser estudado no ensino de Língua Materna, para que se possa compreender não só o sistema da linguagem, mas também as funções ou práticas sociais que fazem parte de um contexto.

Na perspectiva dos estudos de gênero, “a linguagem é entendida como um sistema de representação de sentidos, de construção de relações sociais que se estabelecem entre participantes em um dado contexto ou situação.” (MOTTA-ROTH, 1998). Segundo essa ótica, o texto pode ser caracterizado em oral ou escrito, como uma “[...] unidade comunicativa básica, pois o que falamos, não são palavras nem frases isoladas, são textos” (COSTA VAL, 1999, p. 3), os quais são dotados de unidades sócio-comunicativas, semânticas e formais.

Nessa compreensão Marcuschi (2002, p 23) tece considerações acerca dessas duas modalidades, apontando que “o estudo da oralidade pode mostrar que a fala mantém com a escrita relações mútuas e diferenciadas, influenciando uma a outra nas diversas fases da aquisição da escrita.” Assim, compreendemos, que é possível trabalhar em sala de aula, com ambos os textos, de forma contínua, pois cada modalidade (oral e escrita) apresenta características próprias, tendo em vista que não designam oposições entre elas.

Em conformidade com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006) as atividades de produção de textos, em sala de aula, com os gêneros orais são relevantes, haja vista que:

Por meio desse tipo de expediente, pode-se não só contribuir para a construção e a ampliação de conhecimentos dos alunos sobre como agir nessas práticas, como também promover um ambiente profícuo à discussão e à superação de preconceitos linguísticos e, sobretudo, à investigação sobre as relações entre os gêneros da oralidade e da escrita, sobre a variação linguística, sobre níveis de formalidade no uso da língua, por exemplo. (OCMs, 2006, p. 37).

Assim, a razão para defendermos a prática do texto oral em sala de aula é o fato evidente de que o aluno possa compreender e refletir sobre o uso da oralidade e, de modo consciente saber “falar a uma criança, a um adulto, a um analfabeto, a um interlocutor culto, a um público seletivo ou a um grupo de negócios ou, ainda a um conjunto de amigos numa reunião informal” (PRETI, 2004, p. 16). Nesse sentido, é essencial que o aluno saiba adequar-se às diversas situações de interação, bem como às condições de produção tanto do texto oral como do texto escrito.

2 O QUE DIZEM OS PROFESSORES SOBRE O TEXTO ORAL?

Considerando a abordagem sobre as modalidades (oral e escrita) no contexto escolar, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006, p.25) abrange a seguinte perspectiva:

[...] a interação – seja aquela que se dá pelas práticas da oralidade ou intermediada por textos escritos – envolve ações simbólicas (isto é, mediadas por signos), que não são exclusivamente linguísticas, já que há um conjunto de conhecimentos que contribui para sua elaboração.

A partir desse entendimento, podemos perceber que os gêneros orais e escritos são práticas textuais vinculados à vida social, sendo entidades sócio-discursivas e formas de ação social que fazem parte da situação comunicativa, que surgem lado a lado às necessidades interacionais seja com gêneros orais ou escritos.

Sob essa ótica Marcuschi (2005, p. 16) tece considerações acerca de duas modalidades de produção textual:

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante.

Nessa perspectiva, compreendemos que a importância de ambas as modalidades de texto são fundamentais ao sistema de ensino médio de Língua Portuguesa e que, portanto, elas “se organizam de modo diferente e que, em especial, tenha clareza de que uma não é melhor do que a outra, mas que atendem a situações comunicativas diversas” (ELIAS, 2011, p. 34).

Sendo assim, por meio desse enfoque, analisamos o material coletado sobre as respostas dos professores das quais foram produzidas em áudio, sob uma entrevista semiestruturada na qual se abrange o objeto de estudo da língua materna: o texto oral.

Nessa compreensão, podemos verificar nas falas dos professores informantes, os seus posicionamentos sobre a modalidade oral, conforme o fragmento abaixo:

Fragmento 1 – Fala de PI - 01:

- PI: (+) o texto veio com a reprodução da fala (+) **porém (+) no texto literário**
1. (+) elas não são totalmente opostas (+) a fala pode aparecer na escrita de
2. forma criativa

No fragmento 01, produzido pelo informante PI- 01 é notável a falta de compreensão que o professor tem ao relacionar as modalidades da fala e da escrita, demonstrando que apresenta equívocos teóricos. Isso é percebido quando afirma que “o texto veio com a reprodução da fala” e que no texto literário “a fala pode aparecer de forma criativa”. Nessa fala do professor, percebemos que não há clareza de que ambos os textos (orais ou escritos) apresentam as suas peculiaridades de forma que:

A verdadeira lição dos falantes ou escritores cultos, pois, é a de que a língua deve ser usada na sua mais completa naturalidade, explorando todos os recursos que temos à disposição, sejam eles da linguagem culta ou da coloquial, sempre tendo-se em mente que são as necessidades interacionais que irão decidir quais são as melhores estruturas ou os vocábulos mais expressivos para o ato conversacional ou para a interação escritor/ leitor. (PRETI, 2004, p.19).

Constatamos, também, que lhe falta fundamentos teóricos sobre a questão que envolve o gênero textual, especialmente, no que se refere a sua estrutura e as características próprias. Por isso, no tocante ao texto literário, esperávamos que o docente afirmasse que se trata de um texto escrito, que por sua vez, traz atributos que fazem parte da oralidade, neste caso, um diálogo. Assim, o professor deve conscientizar o aluno de que é plausível correlacionar ambos os textos (oral e escrito) para que ele reflita sobre o uso da língua (gem) presentes nos textos.

Fragmento 2 – Fala de PI - 02:

- PI: (+) a pesquisa (+) apresentação de vídeos (+) documentários (+)
1. **leitura de livros** (+) **roda de leitura** (+) eu entrego uma ficha de
 2. leitura (+) eles preparam a apresentação deles /

No trecho de PI- 02, constatamos que a interpretação realizada pelo professor informante é também equivocada. Neste sentido, o docente considera que a estratégia executada em sala de aula, para trabalhar o texto oral, é a partir da concretização da “leitura de livros” e/ ou “roda de leitura”, ou seja, a consolidação da oralidade realizada em sala de aula, não condiz com os objetivos específicos do seu próprio plano de aula no qual explicita que “o trabalho de Língua Portuguesa deve centrar-se no discurso, que é a fala e nos usos da linguagem no cotidiano real de nossas vidas, considerando as atividades do falante (ou escrevente) e as estratégias de organização desse discurso” (PC- 02).

Assim, podemos compreender a partir dessa ótica, que:

O desenvolvimento do texto falado está diretamente ligado ao modo que a atividade interacional se organiza entre os participantes. Essa organização resulta de decisões interpretativas, inferidas a partir de pressupostos cognitivos e culturais, tomadas durante o curso da conversação. (FAVERO, ANDRADE, AQUINO, 2012, p. 24)

Nessa compreensão é possível afirmar que o texto oral apresenta uma organização quanto a sua estrutura conversacional, pois a “conversação é sempre

resultante de uma atividade interpessoal desenvolvida entre pelo menos dois indivíduos em situação face a face, dentro de uma configuração contextual [...] que unem os participantes” (ELIAS, 2011, p.18). Todavia, nas atividades realizadas pelo docente não houve a preocupação específica como o texto oral, tornando-o objeto de ensino, pois constatamos que a ênfase está no texto escrito, quando afirma “eu entrego uma ficha de leitura e eles preparam a apresentação deles” (PI- 02).

Ao que diz respeito às estratégias de ensino, temos no fragmento abaixo, a visão do professor informante sobre o texto oral e como são desenvolvidas as atividades em sala de aula do ensino médio de escolas públicas:

Fragmento 3 – Fala de PI -05

- PI: a **leitura compartilhada** e a leitura individual (+) **às vezes eu**
- 1. leio (++) o texto pra:: (+) enfatizar a entonação (+) a**
 - 2. pontuação (+) eh:: (+) as pausas (+) e (+) depois eu peço**
 - 3. pra eles continuarem (+) no mesmo ritmo**

A partir desse trecho podemos constatar que o professor informante apresenta uma visão diferenciada, se não equivocada do que se entende por texto oral, pois ao relacionar o texto falado com sua estratégia de ensino, percebemos que o (a) docente desenvolve a “leitura compartilhada” e por vezes, realiza a própria leitura enfatizando a estrutura do texto escrito, ou seja, entende que vocalizar o texto escrito é trabalhar a oralidade.

Averiguamos ainda em seu plano de aula PC - 05, que o professor informante cita em seus eixos temáticos a “linguagem oral”, entretanto, nos objetivos específicos bem como nas habilidades e competências, não há espaço para a concretização dos gêneros orais no ensino médio. A prioridade ocorre a partir da escritura de textos, visando desenvolver um aluno produtor e competente em textos escritos.

Nessa compreensão, não estamos tentando estabelecer os gêneros orais como preferência, mas estamos abrindo uma reflexão sobre as atividades desencadeadas no ensino de Língua Portuguesa sobre o texto oral. Assim, concebemos que a “oralidade é uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais [...] ela vai desde uma realização mais informal á mais formal nos mais variados contextos de uso” (MARCUSCHI, 2005, p. 25). Portanto, as análises nos apontam que o tratamento da oralidade ainda precisa chegar às salas de

aula e que os docentes precisam de um aporte teórico que alicerce suas ações didáticas, tornado o texto oral como objeto de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, ao longo desse esboço, cujo objetivo principal foi constituir reflexões efetivas de como o texto oral é trabalhado, em sala de aula do ensino médio, buscamos primeiramente dar sustentação teórica sobre a natureza da oralidade, por meio de sua organização e estrutura. Procuramos ainda verificar nos planos de aula dos professores informantes de Língua Portuguesa, como ocorre a abordagem com o texto oral em sala. A finalidade desse trabalho foi oportunizar aos professores de escolas públicas, a reflexão sobre as diversas possibilidades de ensino da oralidade, bem como das relações entre fala e escrita. Nesse contexto, situamo-nos sob as Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio nas quais sustenta a seguinte afirmação “a língua verbal, oral e escrita representada pela língua materna, ocupa na área o papel de viabilizar a compreensão e o encontro dos discursos utilizados nas diferentes esferas da vida social” (OCNEM, 2000 p.10). Assim, foram apontados os direcionamentos para avaliarmos os objetivos e conteúdos contidos nos planos de aula dos docentes, a fim de que pudéssemos materializar os dados coletados.

Nesse entendimento, constatamos a partir dos fragmentos das falas dos docentes, que o ensino da oralidade no ensino médio, é pouco praticado, de modo que o trabalho com o texto oral é compreendido de forma equivocada. Pelo o que pudemos perceber ao longo desse estudo, é que a prioridade ocorre a partir da produção textual, deixando de lado a abordagem de se trabalhar não só com textos escritos, mas também com textos orais, e que a partir destes oportunizar a prática da oralidade em sala.

Vimos também à compreensão dos docentes ao que diz respeito ao texto oral realizado em sala, ao que se pode observar, é uma apreensão errônea ao tentar praticar a oralidade, pois verificamos nos argumentos dos docentes, que a oralidade é compreendida como a “verbalização do texto escrito”, indo em oposição com as bases teóricas sobre a *Análise da Conversação*, bem como da proposta educacional vigente no país para o Ensino Médio, que ancora como objeto de ensino da Língua Materna, o trabalho com textos orais e escritos. Contudo, acreditamos que, os resultados encontrados nesse estudo servirão para subsidiar as reflexões dos professores de Língua

Portuguesa sobre as práticas experienciais com os textos orais, em salas de aulas do ensino médio.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. A importância da leitura. In:_____. **Introdução à metodologia do trabalho científico:** elaboração de trabalhos na graduação. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010, p.3- 4.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português:** encontro & interação. 7. ed. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. **Muito além da gramática:** por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. **Língua, texto e ensino:** outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. **Análise de textos:** fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola, 2010.

AZEVEDO, Josilete Alves Moreira de. **Aspectos da conversação infantil:** organização tópica, argumentação e relação interpessoal. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 1997. (Dissertação de Mestrado em Linguística).

BRANDÃO, H. N. Texto, gêneros do discurso e ensino. In: BRANDÃO, H. N (Coord.) **Gêneros do discurso na escola.** São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio).** Brasília: MEC, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In:_____. **Estética da criação verbal.** Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261- 269 – (Coleção biblioteca universal).

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e Textualidade.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIAS, Vanda Maria (Org.). **Ensino da língua portuguesa:** oralidade, escrita e leitura. São Paulo: Contexto, 2011.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C.; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita:** perspectiva para o ensino de língua materna. 5.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

LEAL, Telma Ferraz; GOIS, Siane (Orgs.). **A oralidade na escola:** a investigação do trabalho docente como foco de reflexão. In:_____. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Coleção Língua Portuguesa na Escola, 3).

Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. (**Orientações curriculares para o ensino médio**) – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006, 239 p. (volume 1).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **O tratamento da oralidade no ensino de língua**. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. Texto mimeografado, 1993.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 21-34.

_____. **Da fala para escrita: atividade de retextualização**. In: _____. 6. Ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MOTTA-ROTH, D. **Leitura em Língua Estrangeira na Escola: teoria e prática**. Santa Maria: UFSM, PROGRAD, COPERVES, CAL, 1998.

PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita**. In: _____. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. (Série Dispersos).

SACKS, H., SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn for conversation. In: SHENKEIN, J. (ed.). **Studies in the organization of conversational interaction**. New York: Academic Press, 1972, p. 7-55.